

DOSSIÊ: EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS AMBIENTAIS NO SÉCULO XXI

Este dossiê, cuja temática está voltada para os desafios ambientais que envolvem a sociedade contemporânea, tem como objetivo apresentar estudos e pesquisas que discutam questões voltadas para a relação educação-sociedade-ambiente.

A discussão sobre novos modelos de desenvolvimento iniciou-se há pelo menos 50 anos, com a realização da reunião do Clube de Roma, em 1968, e da Conferência de Estocolmo (Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), em 1972, com o objetivo de discutir desafios comuns de 113 países a serem enfrentados pela humanidade à época: poluição atmosférica, poluição da água e poluição do solo provenientes da industrialização e da pressão do crescimento demográfico sobre os recursos naturais.

A Carta da Terra, elaborada por um movimento global, em 2003, já explicitava sobre a situação global: os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, esgotamento dos recursos e uma massiva extinção de espécies; as comunidades estão sendo arruinadas; os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e a diferença entre ricos e pobres está aumentando; a injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causas de grande sofrimento; o crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social; e as bases da segurança global estão ameaçadas.

Apesar disso, atualmente estamos imersos em uma crise humanitária e de extinção da biodiversidade maior ainda, causada pelas mudanças climáticas globais e o surgimento dessa crise nos obriga a questionar a compatibilidade entre os modelos de desenvolvimento atualmente dominantes em âmbito mundial e a manutenção de condições ambientais viáveis, no mínimo, para manter a vida no planeta. Verifica-se uma lógica perversa e invertida, onde as populações socialmente mais vulneráveis, principalmente as que estão em áreas de risco, são as mais expostas e aquelas que menos contribuem para os danos ambientais que caracterizam a crise climática.


Organizadores:

Valter José Cobo, Juliana Marcondes Bussolotti, Patrícia Ortiz Monteiro, Cristóvam da Silva Alves, Maria Cristina Prado Vasques Cunha, Patrícia Ortiz Monteiro, Kátia Celina da Silva Richetto

Dossiê: Educação e os Desafios Ambientais no século XXI

Os saberes das Mulheres da Terra em Nazaré Paulista

The knowledge of the women of the Land in Nazaré Paulista

Analice Assunção de Souza Nunes 

Dossiê: Educação e os Desafios Ambientais no século XXI

Revista Biociências - Universidade de Taubaté

v. 29 - n. especial - p. 12-26, 2023 – ISSN: 14157411

<http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/biociencias>






Dossiê: Educação e os Desafios Ambientais no século XXI

Os saberes das Mulheres da Terra em Nazaré Paulista

The knowledge of the women of the Land in Nazaré Paulista

Analice Assunção de Souza Nunes¹

 AASN - 0000-0002-6516-7595

1- Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; e-mail: analicenunes@uol.com.br

ABSTRACT

This paper presents the research “Women from the Land who feed life: formative spaces and times for knowledge education in Nazaré Paulista”. The study dealt with the knowledge necessary to integrate life with nature, in Nazaré Paulista. The territory is relevant for water security issues, with reservoirs to supply water to the population of São Paulo metropolises. The women who live there have a vast repertoire of traditional and ancestral knowledge that are important for the life of rural communities and for environment conservation. The methodology adopted was research-training, which welcomes narratives and proposes an integrative dynamic, allowing a reflection on the trajectory of these women. Five women over 60 years of age participated, who live or have lived most of their lives in the rural area of Nazaré Paulista. The research included a (self) biography of the researcher, also a farmer and resident of the territory, aiming to highlight the relevance of local experiences and traditional and ancestral knowledge, necessary for the maintenance of the natural and cultural attributes of the territory. With a decolonial and gender perspective, the works by Acosta (2016) and Krenak (2019, 2020, 2021 and 2022) are the main theoretical frameworks, articulating the concept of Good Living and the importance of forest conservation. The results point to the non-formal training process, which supports local cultural practices and are essential for the conservation of the territory's natural and cultural riches.

Keywords: education in knowledge, women of the land, ecology of knowledge.



RESUMO

Este trabalho apresenta a pesquisa “Mulheres da Terra que alimentam a vida: espaços e tempos formativos da educação de saberes, em Nazaré Paulista”. O estudo tratou sobre os saberes e conhecimentos necessários para a vida integrada à natureza, em Nazaré Paulista. O território tem relevância por questões de segurança hídrica, com reservatórios para o abastecimento de água para a população de metrópoles paulistas. As mulheres que ali vivem possuem vasto repertório de conhecimentos e saberes tradicionais e ancestrais que são importantes para a vida das comunidades rurais e para a conservação do meio ambiente. A metodologia adotada foi a pesquisa-formação, que acolhe narrativas e propõe uma dinâmica integrativa, possibilitando uma reflexão sobre a trajetória de vida dessas mulheres. Participaram cinco mulheres com idade superior a 60 anos, que vivem ou viveram grande parte de sua vida na área rural de Nazaré Paulista. A pesquisa contou com a (auto) biografia da pesquisadora, também agricultora e moradora no território, visando realçar a relevância das experiências locais e dos saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais, necessários para a manutenção dos atributos naturais e culturais do território. Com a perspectiva decolonial e de gênero, as obras de Acosta (2016) e Krenak (2019, 2020, 2021 e 2022) são os principais marcos teóricos, articulando o conceito de Bem Viver e a importância da conservação da Mata. Os resultados apontam o processo formativo não formal, que ampara as práticas culturais locais e são imprescindíveis para a conservação das riquezas naturais e culturais do território.

Palavras-chave: educação em saberes, mulheres da terra, ecologia dos saberes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de pesquisa para o Mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas intitulado “Mulheres da Terra que alimentam a vida: espaços e tempos formativos da educação em saberes, em Nazaré Paulista (SP)” efetuada pela autora. O estudo assumiu a questão de gênero e tem a perspectiva decolonial, trazendo reflexões sobre o papel de reexistência que as Mulheres da Terra efetivaram (e efetivam) no território, com os saberes tradicionais e ancestrais. Foram

pesquisados os tempos e espaços em que acontece o processo formativo das mulheres que vivem e trabalham na área rural do território.

A autora vive há mais de 15 anos em uma Unidade de Conservação privada, a Reserva Particular do Patrimônio Natural RPPN Sítio Caete, em Nazaré Paulista. O território é relevante para a questão da segurança hídrica, já que tem em suas terras o Reservatório do Rio Atibainha (figura 1), que forma com outros reservatórios o Sistema Cantareira – conjunto de represas que abastecem de água a população de metrópoles paulistas.



Nesse território ainda há Mata Atlântica remanescente, uma cobertura vegetal que conserva e protege os mananciais. Predominantemente rural, as práticas de manejo propiciam uma agricultura de baixo impacto ambiental, condizente com as especificidades locais.



Figura 1. Reservatório do Rio Atibainha (acervo da pesquisadora).

Figure 1. Atibainha River Reservoir (researcher's collection).

É notável as atividades de agricultura efetuadas pelas mulheres das comunidades rurais, que se valem de saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais. A conservação do ecossistema é decorrente do manejo integrativo, que reconhece a Mata como fundamental para as vidas.

Nazaré Paulista é um município próximo à capital paulista e está na região bragantina. Grande parte de sua extensão é rural e possui aproximadamente 18.250 habitantes (IBGE 2022). Em seu território está um dos reservatórios que compõe o Sistema Cantareira, responsável pelo

abastecimento de água para metrópoles paulista. A segurança hídrica é um dos fatos que torna essencial a conservação da Mata Atlântica, presente no território onde está localizado o município.

A construção de obras estatais na década de 1970 ocasionou profundas alterações no território, em virtude do deslocamento compulsório de seus habitantes e a vinda de contingente de trabalhadores, provocando transformações sociais, econômicas e ambientais que afetaram toda a população. Causou prejuízos enormes aos que habitavam na área afetada pela construção do Reservatório do Rio Atibainha e da Rodovia D. Pedro, pois grande parte das propriedades não possuía escritura, havendo ainda o pagamento pelo valor venal das propriedades (muito aquém do valor comercial das terras). Durante o processo de desapropriação das terras e do pagamento devido, muitos planos econômicos aconteceram no país, gerando inflação diária, tal ocorrência aumentou ainda mais o prejuízo dos proprietários, quando o valor que chegava às mãos dos sítiantes acontecia com atraso (como era comum naquela época).

OBJETIVO

As práticas agrícolas em manejo sustentável nas pequenas propriedades costumam ser exercidas por mulheres. Em território em que as práticas culturais estão calcadas em saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais, como em Nazaré Paulista, há



mulheres cujos conhecimentos são reconhecidos pela comunidade, principalmente no tocante à flora e aos cuidados com seu entorno. Como objetivo principal a questão a ser pesquisada foi identificar os tempos e espaços formativos-educativos envolvidos na produção e socialização de saberes e conhecimentos para a vida integrada à Mata a partir da perspectiva de mulheres rurais de Nazaré Paulista (SP).

Para entendimento de outros aspectos importantes na trajetória da vida dessas mulheres, outros objetivos foram elencados:

- Registrar memórias marcantes nas vidas das mulheres e na reconfiguração de seu território, reconhecendo conformações e enfrentamentos de situações de subalternização;
- Caracterizar como os saberes das Mulheres da Terra se estendem para os espaços de vida comunal;
- Descrever os processos de socialização dos saberes necessários à vida na terra e a incorporação de novos saberes, associando-os às práticas formativo-educativas.

Esses outros objetivos secundários permitiram aferir como os acontecimentos do território impactaram as mulheres. Reconhecer os saberes e o processo de socialização foi outra etapa importante, para o resultado da pesquisa.

MATERIAL E MÉTODOS

Tendo como objetivo conhecer os espaços e tempos formativos de mulheres rurais em Nazaré Paulista, a metodologia adotada foi a

pesquisa-formação. Nesse processo o acolhimento de narrativas de vida é efetuado como uma das etapas (nos encontros iniciais), havendo outros momentos em que há interação mais efetiva entre as participantes e a pesquisadora, visando apurar sobre os eventos da vida e refletir sobre as memórias. Essa metodologia possibilitou que a retomada dos fatos fosse um momento de avaliação das trajetórias vivenciadas pelas Mulheres da Terra. A metodologia pesquisa-formação está ancorada nas obras de Abrahão (2016) e Bragança (2014, 2018).

Participaram da pesquisa cinco mulheres com idade superior a 60 anos que vivem ou viveram grande parte da vida na área rural de Nazaré Paulista. Os requisitos que foram elencados são importantes para identificar as mulheres que participaram da pesquisa, tendo como objetivo avaliar os impactos que sofreram pelas obras estatais efetuadas no território, como a construção da Rodovia D. Pedro e o Reservatório do Rio Atibainha. A obra de Rodrigues (1999) explicita as agruras vivenciadas pelos sítiantes que foram deslocados compulsoriamente pelas construções estatais, e é importante para o entendimento das consequências sociais, ambientais e econômicas demandadas por tais obras.

A pesquisa contou com a (auto)biografia da pesquisadora, visando estabelecer parâmetros sobre a formação necessária para uma vida imersa no contexto do território, bem como explicitar o refinamento e as especificidades dos saberes e conhecimentos que detêm as Mulheres da Terra. A autora é também



agricultora, com preocupações ambientais. Sua propriedade rural é uma Unidade de Conservação Privada – a Reserva Particular do Patrimônio Natural Sítio Caete, situada nas margens do Reservatório do Rio Atibainha. Participa do grupo de Transição Agroecológica, fomentado pelo governo do estado de São Paulo em parceria com a Casa de Agricultura de Nazaré Paulista. Atua com manejo agroecológico e conhece e vivencia as peculiaridades do território. No processo de trabalho de pesquisa a autora pôde comprovar a gama de saberes e conhecimentos que estão vinculados ao trabalho feminino, em especial na lida com a terra.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas em novembro de 2021, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 51641621.4.0000.8142, Parecer nº 5.083.168.

RESULTADOS

Para as discussões dos resultados apresentados pelas narrativas das mulheres e da (auto) biografia da pesquisadora foi apurado que as práticas de manejo utilizadas pelas mulheres participantes estão amparadas em conhecimentos tradicionais e ancestrais decorrentes de uma vida plenamente integrada à realidade local, em consonância ao que discorre Krenak (2019, 2020, 2021 e 2022). O reconhecimento da especificidade do território com seu componente ambiental – a Mata Atlântica remanescente – é um dos fatores que compõe o tipo

de agricultura e ocupação de espaço dos produtores locais, com manejo de baixa intensidade e adoção de práticas que estão consolidadas nas comunidades, através de culturais tradicionais, principalmente milho e mandioca em baixa escala.

As ações comunitárias são importantes e respaldam os encontros e comemorações locais, como as festas que acontecem nas pequenas propriedades rurais, em comemoração a São Gonçalo principalmente. Há grupos voluntários que organizam todo o evento, cuidando de arranjar o espaço onde são realizadas as comemorações, adequando o local para as festas com os altares dos santos escolhidos (prioritariamente São Gonçalo) e também as equipes de cozinha, que preparam refeições para os convidados e para todos os que participam da comemoração. Estas atividades e outras praticadas no território são tratadas nas obras de Candido (2001) e Campos (2011) e explicitam o senso de coletivo e de avivamento das tradições ancestrais em áreas rurais. Estas dinâmicas são apontadas por Acosta (2016), quando apresenta o conceito de Bem Viver, assumido e vivenciado por populações originárias e quilombolas, que retratam modos de vida em que a coletividade entende e prática movimentos que valorizam a ajuda mútua, o respeito às práticas ancestrais e as especificidades naturais do território, como o que ocorre em Nazaré Paulista.

As narrativas de vida e as memórias das mulheres participantes expuseram a relevância da Mata no cotidiano da vida e a validade e



reconhecimento dos conhecimentos e saberes tradicionais e ancestrais, amparados principalmente na observação dos eventos naturais e na articulação dessas informações com a ocupação e uso dos espaços no território.

O vasto repertório de saberes e conhecimento que abrangem a utilização de plantas nativas e bioativas indica a potência das práticas de cuidado com as vidas, resultando em indicações para os males físicos de pessoas e de criação de animais, bem como no manejo agrícola.

Nas práticas cotidianas dessas mulheres também estão expressos o entendimento das especificidades de cada espécie cultivada e na sinergia que há entre as plantas, principalmente no ecossistema equilibrado, como aponta Coccia (2018, 2020). A grande interação entre as participantes e as plantas que estão no entorno são explicitadas na obra de Coccia (2018, 2020) e traduzem o respeito que elas possuem ao tratar de outras vidas (vegetais e animais, dentre outras).

As narrativas evidenciam que os conhecimentos tradicionais e ancestrais fundamentam as atividades diárias, trazendo sentido integrativo de seu trabalho com as potencialidades do entorno. As ações cotidianas estão amparadas na observação cuidadosa da Mata que há no território, nas alterações observadas no clima e nas estações:

“Não se pode separar – nem fisicamente nem metafisicamente – a planta do mundo que a acolhe.

Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo. Interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo. A planta encarna o laço mais íntimo e mais elementar que a vida pode estabelecer com o mundo. O inverso também é verdadeiro: ela é o observatório mais puro para contemplar o mundo em sua totalidade. Sob o sol ou sob as nuvens, misturando-se à água e ao vento, sua vida é uma interminável contemplação cósmica, sem dissociar os objetos e as substâncias, ou, dito de outra forma, aceitando todas as nuances, até se fundir com o mundo, até coincidir com sua substância. Nunca poderemos compreender uma planta sem ter compreendido o que é o mundo (COCCIA, 2018, p.13) (grifo do autor).”

As narrativas e memórias também apresentam as dificuldades que as participantes passaram, muitas delas decorrentes das transformações sociais e ambientais resultantes das construções estatais e do deslocamento compulsório que resultou dessas alterações no território, demandadas principalmente pela inundação das áreas em que viviam.

A subalteridade das participantes foi evidenciada e a trajetória dessas mulheres ressalta a re-existência com que enfrentaram as dificuldades, mesmo em um contexto de colonialidade. Walsh (2002) ressalta como essas dinâmicas são potentes e a interculturalidade manifesta nesse território é a vigorosidade desses saberes que permeiam as práticas:



“O conhecimento que é compartilhado e construído dentro desses processos não pode ser caracterizado simplesmente como ancestral/tradicional ou subalterno, porque não é congelado em um passado utópico-ideal, mas construído no presente, baseado em interpretações e reinvenções de uma memória histórica localizada em subjetividades, espaços e lugares que encontram seu significado no presente. Elas vêm da articulação, relacionamento e negociação de várias formas heterogêneas e plurais de pensamento-conhecimento, articulações e negociações que, como qualquer encontro entre culturas, são caracterizadas por conflitos, ambiguidades, contradições e assimetrias (WALSH, 2002, p. 17).”

As partilhas comumente realizadas pelas mulheres estão relacionadas às suas atividades cotidianas, ou seja, plantio, criação de pequenos animais e cuidados com a família e o espaço de vida (casa, jardim, pomar, horta, roça). As trocas de experiências, receitas e ajuda mútua é uma oportunidade para a socialização dos saberes e conhecimentos tradicionais. Os encontros das tardes costumam agregar mulheres e proporcionam espaços e tempos para as práticas com alegria e esperança:

“Os desdobramentos transversais das mulheres nos movimentos de gênero abrem espaços que alimentam outras práticas pedagógicas, mais afetuosas, mais despojadas de supostas objetividades, mais humanas e colaborativas. Formas de desaprender para reaprender que não negam a importância da ciência, mas perseguem uma

ciência diferente e conectam os sentidos da vida. Esta vida, a das mulheres, está ligada ao seu território, ao seu conhecimento, à sua ascendência e a toda uma forma de conceber o mundo e o conhecimento. Um conhecimento coletivo fortalecido por diferentes cosmovisões. É por isso que o conhecimento feminino traz o complexo desafio de pensar uma ciência coletiva, um conhecimento horizontalizado, sem hierarquias ou categorizações, porque entendemos que as dores da opressão e da exploração chegam até nós porque somos mulheres, negras, periféricas, lésbicas, indígenas, quilombolas, chicanas, do terceiro mundo. A partir deste lutar, é fundamental registrar nossos modos de pensar, de entender o mundo para construir uma sociedade que promova a vida e não a morte (PALERMO, 2021, p. 186).”

O manejo de cultivos agrícolas está em sintonia com as práticas agroecológicas. Os resultados apurados demonstram que o conceito de agroecologia e a prática efetivada por essas mulheres estão contribuindo para a conservação do ecossistema. As trocas de sementes, as tradições que orientam os plantios e que levam em conta os tempos da natureza (estação do ano, fase da lua, por exemplo) constituem práticas relevantes e efetivas da agroecologia:

“As relações equilibradas entre as pessoas e a natureza existem nas experiências de observação dos ciclos naturais, na escolha do momento da colheita, na coleta das sementes no chão, no seu armazenamento para posterior plantio, na observação das sombras das árvores sobre as plantas e o momento de podá-las, na maneira de



controlar o fogo e seu uso em benefício da fertilidade do solo, na escolha das plantas para determinados lugares e épocas do ano, no uso das flores, cipós e folhas para remédios e muitos outros exemplos. Esses conhecimentos e a observação da natureza, muitas vezes adquiridos e repassados por gerações, não são baseados na supressão dos bens comuns, e, sim, no alongamento de sua existência. Os benefícios desta coexistência e interação repercutem na presença da matéria orgânica do solo, na existência das nascentes, na manutenção de lençóis freáticos, na reprodução de espécies animais e vegetais, e assim segue. Colocar o lucro como lógica para a natureza e para a vida das pessoas é manter o que temos presenciado: uma dinâmica na qual o mercado é colocado acima da sustentabilidade da vida (ISLA et al., 2020, p.88).”

Os estudos de Mies estão no trabalho de Barragán et al. (2020), que sugerem dinâmicas que integrem o trabalho coletivo e a mata:

“Um modelo alternativo, que coloca a preservação da vida como objetivo central, ou seja, as atividades reprodutivas que seriam compartilhadas por homens e mulheres, e os atores marginalizados pelo discurso capitalista, incluindo a natureza. Mies enfatiza a importância dos bens comuns e da solidariedade entre comunidades, assim como das tomadas de decisão comunitárias que protejam o interesse coletivo. Sugere superar o antagonismo entre trabalho e natureza, e priorizar as economias locais e regionais em vez dos mercados globais, para

recuperar a correlação direta entre produção e consumo (BARRAGÁN et al, 2020, p. 265-266).”

Agora, vivendo o Antropoceno, as relações sociais, ambientais, produtivas devem estar ancoradas em práticas conservacionistas, plenamente integradas ao território. As Mulheres da Terra têm uma valiosa contribuição à toda a sociedade. O vasto repertório de seus conhecimentos, de etnobotânica, por exemplo, é um referencial importante para os estudos acadêmicos:

“A importância das comunidades tradicionais indígenas e não indígenas na conservação das matas e outros ecossistemas presentes nos territórios em que habitam. A valorização do conhecimento e das práticas de manejo dessas populações deveria constituir uma das pilstras de um novo conservacionismo nos países do Sul. Para tanto, deve ser criada uma nova aliança entre os cientistas e os construtores e portadores do conhecimento local, partindo de que os dois conhecimentos – o científico e o local – são igualmente importantes [...] Os conhecimentos difundidos pelas populações tradicionais se referem ao meio no qual foram produzidos, no geral, ecossistemas tropicais com elevado grau de biodiversidade. Apesar das muitas pesquisas realizadas, estes ecossistemas ainda possuem muitos detalhes desconhecidos pela ciência ocidental moderna, mas que são contemplados pelo cotidiano das populações humanas que sobrevivem por meio da interação que desenvolveram com estes locais. Neste sentido,



estes conhecimentos trazem importantes contribuições para a compreensão do funcionamento destes sistemas complexos e, por conseguinte, para melhorias na administração e proteção dessas áreas. É importante ressaltar as populações tradicionais como importantes agentes para a proteção de áreas naturais e a necessidade que existe em protegê-los, visto que apresentam um dos modos de vida humana capaz de coexistir dentro de certo equilíbrio com a mata. (PEREIRA; DIEGUES, 2010, p. 42-48).”

A consideração de saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais devem ser avaliados e acolhidos pela academia. Pela perspectiva decolonial entende-se que as populações tradicionais detêm inúmeros processos validados em estudos técnicos e científicos. Esse reconhecimento é imprescindível e dialoga com a necessidade premente de outros olhares (e perspectivas) para o cuidado com a conservação dos ecossistemas, dada a situação atual de mudanças climáticas:

“...nós precisamos de um outro pensamento, provavelmente de um outro conhecimento que nos conduza nesse processo, e esse conhecimento é um conhecimento que tem que ser produzido por outra forma. A própria universidade vai ser interpelada nas próximas décadas, ela que é a instituição da modernidade ocidental mais antiga, pelo menos a que mantém há mais tempo basicamente a mesma forma que tem hoje [...] O conhecimento científico cometeu muitos epistemicídios, produziu muita

morte de conhecimentos alternativos. Precisamos de denunciar esse epistemicídio e de recuperar na medida do possível os conhecimentos alternativos. Ao contrário do que proclamam os arautos da globalização, o mundo é cada vez mais diverso e nessa diversidade emergem novas formas de conhecimento. Por outro lado, a ciência, ela própria é multicultural. (RODRIGUES et al., 2001, p. 15-18).”

As narrativas explicitam uma educação não formal, realizada em encontros, comemorações, atividades cotidianas com ênfase nos processos de socialização envolvendo crianças e mulheres. O processo formativo das Mulheres da Terra acontece em momentos do cotidiano, nos encontros de trabalho ou comemoração, nas reuniões de final de tarde, nas trocas de receitas ou experiências. Um dos espaços mais corriqueiros para o processo formativo dessas mulheres são os espaços de trabalho: a cozinha, a horta, o pomar, a varanda. Brandão (s/d) evidencia a potência desse processo:

“Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos [...] A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e



praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, S. d, p. 4).”

As narrativas e memórias de vida das mulheres participantes trazem práticas que se conectam com a Mata presente no território, reconhecendo e valorizando as concepções de vidas integrada à mata estão plenamente articuladas com o que explicita Krenak (2019):

“A ideia de que nós, humanos, nos descolamos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo o mundo [...] definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos viajando juntos não significa que somos iguais, significa

exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de a humanidade com o mesmo protocolo, porque isso até agora foi uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (KRENAK, 2019, p. 23-33).”

Diante das diversas possibilidades que foram aventadas com a pesquisa, que puderam comprovar a grande contribuição dos saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais das Mulheres da Terra, em ações que articulam todo o conhecimento para a conservação do entorno, houve o reconhecimento dos tempos e espaços que são utilizados para a socialização no processo formativo.

CONCLUSÃO

As narrativas de cinco mulheres rurais, que vivem ou viveram em Nazaré Paulista trouxeram a riqueza de experiências que brotaram de suas formações, enquanto mulheres e agricultoras. Os saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais abarcam observações e manejos imprescindíveis para as práticas conservacionistas e que muito contribuem com a qualidade de vida das populações rurais e urbanas.

Os alimentos que cultivam e dispõem às suas comunidades são ricos em valores nutricionais e estão resguardados pelo valor afetivo e tradicional que representam. Algumas das representações mais



significativas são o “afogadão” e a “paçoca”. Ambos são resultado de contribuição da coletividade, que ajuda na arrecadação das matérias primas, além de efetivamente participar da elaboração de cada um dos alimentos. Essa contribuição e participação é espontânea e voluntária.

Todas essas atividades e iniciativas estão em consonância com o conceito de Bem Viver (ACOSTA, 2016) e indicam um potente repertório de conhecimentos e práticas comunitárias e integrativas. As comemorações e encontros (espontâneos ou não) propiciam tempos e espaços para a socialização de tantas formações, necessárias e prioritárias para a vida integrada à mata, principalmente quando avivadas com as riquezas culturais do território.

A potência dos movimentos de mulheres, como os constatados nas Mulheres da Terra, estão explicitados em obras de pensadoras latinas, organizadas por Hollanda (2020). Também Palermo (2021) discorre sobre a pedagogia decolonial e a alegria dos encontros e das trocas havidas entre as mulheres. As dinâmicas sociais que se articulam nos espaços das Mulheres da Terra são brechas preciosas e de existência em trajetória de vidas que se mantiveram, mesmo com tantas dificuldades em suas comunidades. Houve transformações no território que impactaram enormemente a vida de todas as mulheres participantes, entretanto cada uma delas (individual e coletivamente) soube superar as dificuldades e valorizar a riqueza natural e cultural local. Essas

dinâmicas são tratadas nas obras de Costa (2020), Curiel (2020) e Minoso (2020).

Esses saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais precisam ser reconhecidos, valorizados e socializados, pois trazem informações relevantes e prioritárias para a conservação do que ainda resta de nossas Matas (e florestas). Toda a obra de Krenak (2019, 2020, 2021, 2022) aponta o já tão divulgado processo de conservação que os povos originários efetuam em seus territórios e que são relevantes para a saúde de todos os organismos desse planeta Terra.

Também Coccia (2018, 2020) explicita a capacidade regenerativa e sistêmica com que as plantas atuam nos ecossistemas, fato que é vivenciado e utilizado nas práticas de manejo efetuadas pelas Mulheres da Terra. Essa relevância que podem assumir as plantas, no contexto de serem consideradas como parte integrante e participativa das soluções ambientais estão contidas nas obras de Dias (2020), Esteves (2022), Nobre; Krenak (2021), Silva (2022). Estas obras avalizam as práticas encontradas nas Mulheres da Terra, que em seu dia a dia reconhecem a capacidade regenerativa e integrativa das plantas, e com elas se relacionam considerando todo o aparato de conhecimentos tradicionais.

Depreendemos que as narrativas e memórias trazem a importância do repertório vasto de saberes e conhecimentos tradicionais e ancestrais e que há atualidade e necessidade desse reconhecimento (WASH, 2002, 2009, 2019).



Atualmente estão comprovados que a manutenção e conservação dos ecossistemas são prioridade para a vida do planeta Terra, da humanidade. Há reconhecimento das práticas e saberes/conhecimentos que estão no cotidiano de povos originários, tradicionais e os que praticam a agricultura de baixo impacto – como o manejo que é efetuado pelas Mulheres da Terra.

A proposição do estudo foi conhecer o processo de formação educativo de uma parcela invisibilizada do território, propor o reconhecimento e a valorização de uma gama de conhecimentos que são resultado de um repertório respeitado e que é capaz de cultivar alimentos de forma sustentável e cuidar do que nos resta de riqueza natural, em nosso território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: BRAGANÇA, I.F.S.; ABRAHÃO, I.F.S. BARRETO, M.H.M.; FERREIRA, M.S. (Orgs.). **Perspectivas epistêmicometodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo 1. Curitiba: CRV, 2016. p. 29-50. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos).

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

BARAGÁN, A.M.A., LANG, M. CHÁVEZ, D.M., SANTILLANA, A. Pensar a partir do feminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 252-279. 2020

BRAGANÇA, I.F.S. *Pesquisa formação* narrativa (auto) biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M.H.M.B., CUNHA, J.L., VILLAS-BOAS, L. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistemo-metodológicos. Curitiba: CRV, p. 65-81. 2018

BRAGANÇA, I.F.S. *Pesquisa Formação* (auto) biográfica: reflexões sobre a narrativa oral como fonte e a compreensão cênica como caminho de análise. In: ABRAHÃO, M.H.M.B., BRAGANÇA, I.F.S., ARAÚJO, M.S. **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, p. 79-95. 2014

BRANDÃO, C.R. **O que é educação?** [S. d.]. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 26 mar. 2022.

BRANDÃO, C. Prefácio à terceira edição. In: FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 9-14. 1993

CAMPOS, J.T. A educação do caipira: sua origem e formação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 489-506, 2011.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira e a 536 transformação do seu meio de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.



COCCIA, E. A virada vegetal. **Calibán**, RLP, V. 18-1, p.218-222. 2020

COCCIA, E. **A lagarta e a borboleta**. Cadernos Selvagens. Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em < https://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_8_Coccia.pdf > acesso em 07/04/2023.

COCCIA, E. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COSTA, M.G.. Agroecologia, ecofeminismo e Bem Viver: emergências decoloniais no movimento ambientalista brasileiro. In: HOLLANDA, H.B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 336-350. 2020

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 140-161. 2020

DIAS, S.O. Perceber-fazer floresta: a aventura de entrar em comunicação com um mundo inteiro vivo. **Revista ClimaCom, Políticas Vegetais**, 2020, n. 17. Disponível em < <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas> >, acesso em 05/04/2023.

ESTEVES, D.W. Uma educação pelas plantas: aprender por vias não cognitivas. **Revista ClimaCom, Políticas Vegetais**, 2022, n. 23. Disponível em < <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/educacao-pelas-plantas> >, acesso em 05/04/2023.

HOLLANDA, H.B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 336-350. 2020

ISLA, A., NOBRE, M., MORENO, R., SAORI, S., HERRERO, Y. **Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2020.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Um raio caiu bem aqui no meu lado**. **Cadernos Selvagens**. Dantes, Editora Biosfera, 2021. Disponível em < https://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/02/CADERNO15_AILTON.pdf >, acesso em 07/04/2023.

KRENAK, A. **A vida é Selvagem**. **Cadernos Selvagens**. Dantes, Editora Biosfera, 2020. Disponível em < <https://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf> >, acesso em 07/04/2023.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, N. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. In: BERNARDINO-COSTA, J., MALDONADO-TORRES, N., GROSFUGUEL, R. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-53.



MINÔSO, Y.E. **Fazendo uma genealogia da experiência: método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina.** In: HOLLANDA, H.B. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 111-137. 2020

NOBRE, A., KRENAK, A. **Nave Gaia. Cadernos Selvagens.** Dantes, Editora Biosfera, 2021. Disponível em < https://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CADERNO19_AILTON_NOBRE.pdf >, acesso em 07/04/2023.

PALERMO, Z. *Pedagogías insumisas, insurgentes, conjeturales.* **Otros Logos – Revista de Estudios Críticos,** Comahue, v. 11, n. 12, p. 179-212, 2021.

PEREIRA, B.E., DIEGUES, A.C. *Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação.* **Desenvolvimento e Meio Ambiente,** Curitiba, v. 22, p. 37-50, 2010.

RODRIGUES, C.M. C.. **Águas aos olhos de Santa Luzia:** um estudo de memória sobre o deslocamento compulsório de sitiados em Nazaré Paulista (SP). Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

RODRIGUES, L.M., SANTOS, B.S., BRANDÃO, G.M., VIANNA, L.J.W. **Por que pensar?** Ed. Lua Nova, São Paulo, n. 54. 2001

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. SIMA. **Plano de manejo:** Área de Proteção Ambiental Sistema Cantareira. São Paulo, 2020. Disponível em:

https://smastr16.blob.core.windows.net/fundacaoflorestal/sites/243/2020/10/plano_manejo_apa-sistema-cantareira.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. SIMA. **Inventário Florestal do Estado de São Paulo.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://smastr16.blob.core.windows.net/home/2020/07/inventarioflorestal2020.pdf> Acesso em: 14.jun.2023.

SILVA, G.A. *Cultivar florestas: entre as florestas antropogênicas da indigeneidade e o impulso da agricultura agroflorestal.* **Revista ClimaCom, Políticas Vegetais,** 2022, n. 23. Disponível em < <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cultivar-floresta> >, acesso em 05/04/2023.

WALSH, C. *Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial.* **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas,** Pelotas, v. 5, n. 1, p. 6-39, 2019.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver.** In: CANDAU, V.M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 12-41. 2009

WALSH, C. **(De)Construir la interculturalidad: consideraciones críticas desde la política, la colonialidad y los movimientos indígenas y negros en el Ecuador.** In: FULLER, N. (Org.). *Interculturalidad y política.* Lima: Red de Apoyo de las Ciencias Sociales, p. 1-23. 2002



UHMANN, R. I. M.; VORPAGEL, F. S. Educação Ambiental na Escola e a Influência da Mídia. **Revista ENCITEC**, v. 9, n. 2, p. 67-81, 2019.

ZEZZO, L. V.; COLTRI, P. P. Educação em mudanças climáticas no contexto brasileiro: uma revisão integrada. **Terrae Didatica**, v. 18, p. 022039-022039, 2022.